



# II SEMANA DE PEDAGOGIA

EDUCAÇÃO, PESQUISA E ENSINO:  
CONSTRUINDO E (RE)CONSTRUINDO SABERES



CAMPUS DE  
VITÓRIA DA CONQUISTA

19 A 23 DE AGOSTO DE 2024



## PERSPECTIVAS FEMININAS: EDITH STEIN, HANNAH ARENDT E A CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES NA HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA DA BAHIA

MAGALHÃES, Bruna<sup>1</sup>  
NASCIMENTO, Quézia<sup>2</sup>  
DUTRA, Liliane<sup>3</sup>  
PIMENTEL, Edna<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente estudo se apresenta como um relato de experiência desenvolvido no CETEP – Centro Territorial de Educação Profissional de Vitória da Conquista, em parceria com os discentes do Curso de Licenciatura em Filosofia, integrantes do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Seu principal objetivo é refletir as contribuições de figuras femininas como Maria Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa, que desafiaram as normas sociais de sua época lutando pela liberdade junto ao pensamento filosófico das pensadoras Hannah Arendt (2010) especificamente sobre ação e liberdade, bem como a Fenomenologia de Edith Stein (1999), abordando a essência feminina e empatia, este esboço oferece uma outra perspectiva sobre a contribuição histórica dessas mulheres. Dessa forma, através “Projeto Bicentenário de Independência da Bahia – As Heroínas de Guerra” pretende-se enfatizar a importância dessas mulheres. Organizado pelos docentes do CETEP e dos bolsistas Pibidianos, tal projeto demonstra o impacto de iniciativas como essa na formação de um pensamento mais plural que discute a importância da mulher na história e composição das lutas por uma sociedade mais justa. Ao adotar uma abordagem interdisciplinar, combinando filosofia e história, apresenta-se a profundidade e a relevância dessas heroínas na construção de uma sociedade mais justa e plural.

**Palavras-chave:** Filosofia. Luta. Feminina.

### INTRODUÇÃO

Trata-se de um relato de experiência desenvolvido no CETEP – Centro Territorial de Educação Profissional de Vitória da Conquista, em parceria com os discentes do Curso de Licenciatura em Filosofia, integrantes do PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. O ponto de partida é refletir acerca da intersecção entre o pensamento das filósofas Hannah Arendt e Edith Stein e o papel das mulheres na independência da Bahia.

<sup>1</sup> Pibidiano, estudante do curso de Filosofia da UESB. e-mail: [202020512@uesb.edu.br](mailto:202020512@uesb.edu.br)

<sup>2</sup> Pibidiano, estudante do curso de Filosofia da UESB. e-mail: [202020630@uesb.edu.br](mailto:202020630@uesb.edu.br)

<sup>3</sup> Pibidiano, estudante do curso de Filosofia da UESB. e-mail: [202020629@uesb.edu.br](mailto:202020629@uesb.edu.br)

<sup>4</sup> Profa Titular do DFCH/ UESB. email: [edna.pimentel@uesb.edu.br](mailto:edna.pimentel@uesb.edu.br)

Dessa forma, é relevante explicitar a importância do “Projeto Bicentenário de Independência da Bahia – As Heroínas de Guerra”. Tal empreitada, organizado pelos docentes do CETEP e dos bolsistas Pibidianos, demonstra o impacto de iniciativas como essa na formação do pensamento mais plural, agregador, que discute a importância da mulher, sua força, sua potência na história e composição das lutas por uma sociedade mais equitativa. Assim, tem-se como objetivo discutir a respeito das contribuições de figuras femininas como Maria Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa, que desafiaram as normas sociais de sua época para lutar pela liberdade. Utilizando o aporte de Hannah Arendt (2010) sobre ação e liberdade, bem como a Fenomenologia de Edith Stein (1999), a respeito da essência feminina e empatia, este esboço pretende oferecer uma outra perspectiva sobre o impacto histórico dessas mulheres. Ao adotar uma abordagem interdisciplinar, combinando filosofia e história, pretende-se revelar a profundidade e a relevância das ações dessas heroínas na construção de uma sociedade mais justa e livre.

Neste sentido, esse Projeto possibilitou importantes reflexões a respeito da independência da Bahia, culminada em 2 de julho de 1823. Esse marco histórico foi apresentado e problematizado como um processo marcado por intensos conflitos e resistência popular contra o domínio colonial português. Este movimento foi singularmente caracterizado pela participação ativa de diversas figuras femininas, como Maria Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa.

A nós, Pibidianos de Filosofia e a Supervisora, professora regente da disciplina, antes de trabalhar com as grandes mulheres protagonistas da independência da Bahia, decidimos apresentar duas outras importantes mulheres, filósofas, também transgressoras da ordem, da cultura machista, conservadora, limitadora. Foram elas, Edith Stein (1999) e Hannah Arendt (2010).

#### **DESENVOLVIMENTO:**

Realizado em junho de 2023, o projeto intitulado Bicentenário de Independência da Bahia – As Heroínas de Guerra, apresentava atividades diferenciadas afim de alcançar o interesse e comprometimento dos alunos das turmas de 1º ano do ensino médio. As estratégias utilizadas contemplavam diferentes ações, tais como: organização de pesquisas, leituras, síntese fichamentos, mapas conceituais, entre outros. No entanto, a atividade central foi a produção de um conteúdo audiovisual no qual os estudantes poderiam abordar a história das três heroínas e ainda relacionar sua trajetória com o pensamento de duas importantes filósofas: Edith Stein

(1999) e Hannah Arendt (2010). Buscou-se enfatizar a importância de resgatar e valorizar a contribuição feminina na história e como a Filosofia pode oferecer outras perspectivas sobre esses eventos.

Edith Stein (1891-1942), também conhecida como Santa Teresa Benedita da Cruz, foi uma filósofa fenomenóloga cuja obra explorou profundamente a essência da experiência humana e o papel da mulher na sociedade. Nos seus escritos, como “A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça”, Stein discute a natureza feminina, destacando a empatia e a capacidade de sacrifício como qualidades distintivas. Ela argumenta que a mulher possui uma sensibilidade especial para as necessidades dos outros e uma predisposição para o cuidado e a solidariedade, características que são fundamentais para a construção de uma sociedade mais harmoniosa e justa. Stein, influenciada pela fenomenologia de Husserl, enfatiza a importância da subjetividade e da experiência vivida, proporcionando uma compreensão profunda das motivações pessoais e coletivas. No contexto das heroínas baianas, as ideias de Stein sobre a empatia e o sacrifício ajudam a explicar a profundidade das suas contribuições e a dimensão humana das suas ações.

Hannah Arendt (1906-1975), uma das mais influentes filósofas políticas do século XX, concentrou-se em temas como poder, política e liberdade. Em sua obra seminal "A Condição Humana" (1958), Arendt introduz a distinção entre labor, trabalho e ação, destacando a ação como a atividade humana mais elevada devido à sua capacidade de iniciar algo novo e estabelecer relações significativas. Para Arendt, a ação é intrinsecamente ligada à liberdade, pois é através dela que os indivíduos exercem sua capacidade de inovar e influenciar o mundo. A pluralidade e a deliberação pública são essenciais para a realização plena da ação política, que se materializa na criação de espaços onde a liberdade pode ser exercida coletivamente. Arendt argumenta que a verdadeira liberdade só pode ser alcançada através da participação ativa e da iniciativa pessoal, conceitos que se refletem nas ações das heroínas da independência da Bahia.

Após a discussão acerca do posicionamento das filósofas, partiu-se para o estudo das mulheres protagonistas na luta pela Independência da Bahia: Maria Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa. A primeira a ser abordada foi Maria Quitéria de Jesus (1792-1853). Baiana, nascida em Feira de Santana, sabendo da atmosfera machista, patriarcal, dominante no século XVIII, não titubeou ao decidir se disfarçar de homem para alistar-se no Exército Brasileiro, sob o alcunha de "Soldado Medeiros". Corajosa, não hesitou em combater nas frentes de batalha, lutando ativamente nas batalhas pela independência. Sua coragem e habilidade em combate

fizeram dela uma figura icônica na luta pela liberdade. Esse posicionamento a aproxima de Arendt, estabelecendo aqui uma intersecção entre essas duas mulheres. Entendemos que Quitéria exemplifica bem a ação na esfera pública, conforme descrita por Arendt, pois na medida em que rompe com as normas de gênero e se alista no exército, ela exercitou sua liberdade e iniciou algo novo, transgredindo as normas, os costumes, os tabus sociais, ganhando reconhecimento por sua bravura, coragem e habilidades militares.

Outra importante referência feminina é Joana Angélica de Jesus (1761-1822). Nascida em Salvador, filha de uma abastada família da capital baiana, depois de receber uma esmerada educação, aos vinte anos de idade entra para o Convento da Lapa e dedica sua vida a orações e atividades religiosas, tornando-se Abadessa do Convento. A madre Joana Angélica era estimada por todos pela sua dignidade, qualidades e inteligência. No entanto, em abril de 1821, com o retorno de D. João VI a Portugal, um clima de guerra se instaura na capital baiana e logo uma Junta Portuguesa nomeia o general português Inácio Luis Madeira de Melo, para comandantes das Armas da Província.

Ele então ordena o ataque ao Convento e a golpes de machado derrubam as portas do Convento. Sua abadessa, para impedir a invasão das tropas e proteger as outras freiras e moradores locais, tenta impedir com suas próprias forças físicas. Sua resistência custou-lhe sua vida, tornando-se símbolo de resistência, de enfrentamento, de coragem, um mártir da independência da Bahia. Aqui, identifica-se também uma intersecção entre Joana Angélica e o pensamento de Hannah Arendt, ou seja, o posicionamento de Joana Angélica pode ser compreendido como uma manifestação da ação Arendtiana. Sua decisão de proteger o convento, um espaço de resistência, marcou uma intervenção significativa na esfera pública.

Também se destaca outra grande líder, Maria Felipa de Oliveira. Maria Felipa, mulher negra, marisqueira e pescadora da Ilha de Itaparica. Ela liderou um grupo de mulheres que, durante a independência da Bahia, atacou embarcações portuguesas com ramos de cansaço (uma planta urticante), incendiando-as e sabotando suas operações.

Essa grande líder comunitária afro-brasileira, não apenas dirigiu um grupo de mulheres que, através de ações diretas, desempenharam um papel crucial na resistência local, como foram catalisadoras de mudança, desafiando as restrições de gênero e raça de seu tempo. Assim, aqui fica explícito outra intersecção, isto é, essas ações podem ser vistas como uma forma de ação coletiva na esfera pública, conforme descrita por Arendt. Sua liderança e estratégia destacam a pluralidade e a importância da colaboração na luta política.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das ações de Maria Quitéria, Joana Angélica e Maria Felipa através das teorias de Arendt e Stein revela conexões filosóficas significativas. Maria Quitéria, ao se disfarçar de homem para lutar no exército, demonstra a ação arendtiana em sua forma mais pura: ela inicia algo novo, quebra barreiras sociais e estabelece um novo espaço de liberdade e igualdade através de sua participação ativa.

Joana Angélica, com seu sacrifício heroico, exemplifica a visão de Stein sobre a capacidade feminina de empatia e dedicação ao bem maior. Maria Felipa, ao liderar um grupo de mulheres em ações diretas contra as forças coloniais, encarna a combinação das duas filosofias, unindo a ação pública e a empatia comunitária.

Essas mulheres não apenas desafiaram as normas sociais, mas também se tornaram agentes de mudança, ilustrando as teorias de Arendt e Stein sobre a ação, a liberdade e a natureza da mulher. A coragem e a determinação dessas heroínas refletem uma profunda compreensão do valor da liberdade coletiva e da justiça, valores centrais nas obras de Arendt e Stein. objetivos do projeto/trabalho. Caso seja necessário, podem ser apresentadas as recomendações e as sugestões para trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro, 2010a.
- DAMASCENO, Karine Teixeira. **200 anos da Independência do Brasil na Bahia: Maria Felipa de Oliveira e outras tantas “guerreiras brasileiras”**. Revista Angelus Novus, n. 17, 2021. p. 211819-211819.
- SILVA, Joaquim Noberto de Souza. **Brasileiras célebres**. Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. 162 p.
- STEIN, Edith. **A Mulher: sua missão segundo a natureza e a graça**. Tradução: Alfred J. Keller. Bauru-SP:EDUSC, 1999.